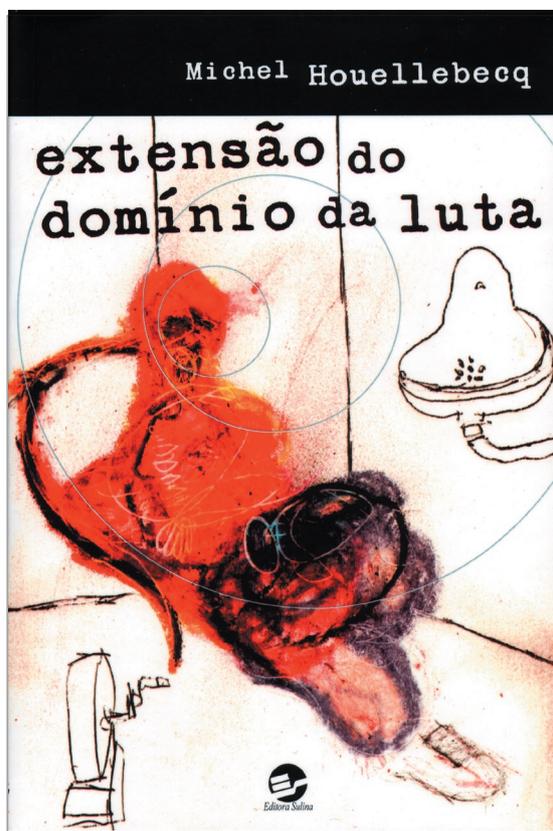


# Um ficcionista adiante e aquém do seu tempo



EXTENSÃO DO DOMÍNIO DA LUTA (1984), o primeiro romance lançado pelo francês Michel Houellebecq, já teve uma versão para o cinema rodada por um tal de Philippe Harel, exibida há algum tempo pela televisão a cabo numa sessão vespertina de meio de semana. Por esse motivo (o horário), não pude ver o filme. O nome de Philippe Harel é desconhecido para mim. Ao ler a tradução brasileira para o português muito particular do escritor gaúcho Juremir Machado da Silva, a cada página, surpreso e esmagado pelas frases agudas do narrador do livro, me ocorria a idéia de que uma linguagem tão desencarnada em literatura só poderia ser contemporânea numa época cinematográfica.

Como escreveu o crítico de cinema José Carlos Avelar, em *O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil* (1994), quem escreve vê filmes, quem faz filmes lê livros, ou seja, escritores e cineastas de nosso tempo se influenciam mutuamente. Como muitos homens de hoje, Houellebecq deve ser um cinéfilo. Em *Partículas elementares* (1998), chega a referir o diretor de cinema Jean-Luc Godard. Neste *Extensão* há uma cena dura vivida pelo protagonista no interior duma sessão de filme pornográfico. Penso novamente em Avelar, que equipara a aparição em filme duma personagem que folheia as páginas de um livro à referência a filmes ou sessões de cinema que um autor faz num romance. Cinema e literatura citam-se um ao outro.

De fato, sem perder sua grandeza especificamente literária, *Extensão do domínio da luta* não deixa de ser um romance cinematográfico. Que cinema está dentro do romance de Michel Houellebecq? Não conheço o cinema de Philippe Harel, não sei que tipo de filme ele faz. Sei que Houellebecq, especialmente em *Extensão*,

**Eron Duarte Fagundes**

Crítico de cinema

---

faz uma literatura próxima daquele cinema meio sujo, meio desfocado, pouco ou nada iluminado (como a vida de nossos dias), praticado pelos realizadores dinamarqueses Lars von Trier e Thomas Wintenberg. As frases diretas, sem meios-toms, sangrando de um novo realismo, inventadas por Houellebecq correspondem àqueles movimentos de câmara enforcados e fora de foco dos cineastas do Dogma 95.

De uma certa maneira, Houellebecq refaz, ao jeito deste fim de milênio, o homem nauseado criado por Jean-Paul Sartre num dos principais romances franceses dos anos 30 do século XX. Como Sartre, Houellebecq se vale dum texto duro, inconformista, sombrio, pesado para revelar a miséria humana. Diferentemente de Sartre, Houellebecq afasta-se da reflexão existencialista e vai em busca duma narrativa verdadeiramente libertina (em seus aspectos formais) e cheia de aparentes desvios e acasos que constroem um tipo novo de unidade literária. Como Sartre, Houellebecq é o anti-Flaubert: despreza as frescuras lingüísticas e estéticas. Em um certo momento supremo de ironia, o narrador de Houellebecq, com seu sarcasmo característico, cria um novo gênero literário, o bestiário, que mesmo tratando de bestas não se desfaz de uma certa “meditação ética”.

Em Extensão do domínio da luta Houellebecq acompanha implacavelmente o cotidiano de um homem sem esperança, que vive incisivamente seu tédio afetivo. Num raro senso sgnico, o protagonista de Houellebecq é especialista em informática, protótipo das facilidades contemporâneas e ao mesmo tempo um meio em que o emburrecimento (e o embrutecimento) humano viceja. A vida não tem sentido. “Acabo de fazer 30 anos”, vai apresentando-se a personagem, para depois desenvolver algumas das linhas mais terrivelmente ásperas da literatura de hoje. “Não pretendo encantar ninguém com sutis observações psicológicas.” A psicologia usada literariamente por Emily

Brontë se esboroa ao deparar com um ser de hoje. “O terceiro milênio mostra a sua cara.” Se vivemos a época de todos os desgostos, por vias transversais a arte (no caso a literatura de Houellebecq) nos traz o gosto por viver, ao menos para ler alguns bons livros (o paradoxo).

Michel Houellebecq, ou os narradores dos seus livros, já foi tachado de moralista retrógrado. Inevitavelmente surge um certo esquivo moralismo em alguns passos de sua narrativa. “Em certo momento, uma abobada começou a despir-se.” Mas a linha geral de seu texto é pura irreverência, este “abobada” é mais um petardo do que uma colocação moral, o aparente moralismo é pura insatisfação com a prepotência – a prepotência econômica, a prepotência sexual, a prepotência afetiva. Reunindo tudo, pode-se dizer que Houellebecq é um ficcionista adiante e aquém de seu tempo: tenta recuperar no desespero alguns valores antigos e perdidos e propõe uma forma literária justificadamente incompreendida por seus contemporâneos, mesmo por aqueles que amam seu texto.

A novidade da ficção de Houellebecq não nasce de uma proposta de linguagem, como no irlandês James Joyce. Nem de uma revolução estrutural, como no português António Lobo Antunes. Nem mesmo de um aprofundamento das metáforas, como é o caso do paraguaio Augusto Roa Bastos (o recente *Contravida*, 1994, de Roa Bastos, também estruturado em torno de excertos de vida, pode servir de contraponto). A renovação do autor francês vem da criação de um clima literário próprio, assim como ocorria em Louis-Ferdinand Céline e em Franz Kafka. É a atmosfera de Extensão do domínio da luta o que mais impressiona o leitor. Como num verdadeiro romance (a teoria remonta ao arqueológico crítico literário brasileiro Álvaro Lins), muitas vezes as partes individualmente consideradas são até triviais demais; o que é soberbo é o conjunto, e isto só pode ser degustado durante a leitura continuada.